Expressão Universitária
Ano 6 Número 72 - Maio/2016
www.sinsepes.org.br
Uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau

"NUM MOMENTO HISTÓRICO PARA A FURB, TIVEMOS A ADESÃO DE DISCENTES, DOCENTES E MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTANTES NAS QUESTÕES SOBRE GÊNERO."
JOÃO HORR- PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA FURB
A FURB NO DEBATE DE GÊNERO
PÁGINAS 4 E 5

"POR MUITO TEMPO HÁ, DENTRO DOS GOVERNOS ESTADUAL E FEDERAL, UMA INDEFINIÇÃO SOBRE A QUE PASTA O TEMA SE REFERE, E EU DIRIA ATÉ UMA OMISSÃO. SANTA CATARINA AINDA NÃO PENSOU NUMA POLÍTICA PARA ATENDER A ESSA QUESTÃO."
IVONE MARIA PERASSA - A CONSULTORA ESPECIAL NA ÁREA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL
NA BUSCA POR VIVER MELHOR
PÁGINAS 8 E 9

"POR QUE É TÃO DIFÍCIL ENVOLVER TRABALHADORES E TRABALHADORAS NAS LUTAS POR SEUS DIREITOS? PARA RESPONDER, NADA IMPEDE QUE RECORRAMOS A TEÓRICOS CONSAGRADOS. MAS ESTES GUIAS NOS FORNECEM MAIS FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO QUE RESPOSTAS"
EMILIO GENARI - EDUCADOR POPULAR
PÁGINA 5

GRITO DOS EXCLUÍDOS/2015 (BLUMENAU)
FOTO: MAGALI MOSER

A REALIDADE DOS HAITIANOS EM SANTA CATARINA

Estimativas dão conta de que 8 mil haitianos vivam hoje em Santa Catarina. Florianópolis deve receber o primeiro Centro de Referência e Atendimento aos Imigrantes e Refugiados do Estado
PÁGINAS 8 E 9

FOTO: JANDYR NASCIMENTO

PATRIMÔNIO ENXAIMEL

AO CONTRÁRIO DO QUE MUITOS PENSAM, O ENXAIMEL É UMA TÉCNICA CONSTRUTIVA E NÃO UM ESTILO ARQUITETÔNICO. SAIBA COMO RECONHECER UMA CONSTRUÇÃO NESTE ESTILO
PÁGINAS 6 E 7

FOTO: JAIME BATISTA DA SILVA

MAIS AMOR, MENOS MOTOR

INCENTIVO AO USO DE BICICLETA ESBARRA EM UM PROBLEMA FREQUENTE EM BLUMENAU: FALTA DE INFRAESTRUTURA
PÁGINAS 10 E 11

A ESTRUTURA DEPARTAMENTAL DA UNIVERSIDADE

No dia 23 de julho de 2015, em sessão plenária do Conselho Universitário, deliberou-se o Processo nº. 017/2015, proposta que resultou na redação da Resolução 24/2105 (que tratou sobre medidas administrativas visando à sustentabilidade da FURB, entre elas a extinção de horas das chefias de departamento, em cumprimento de mandato eletivo, de acordo com o estatuto da FURB). De acordo com o relator, caso houvesse vacância, as funções da Chefia do Departamento seriam assumidas pela Direção da Unidade Universitária. O mesmo relato declarava que em 2/2015 seria apresentada a proposta de uma nova resolução sobre distribuição de horas docentes, uma nova organização setorial, que não considere a estrutura departamental, sendo suas funções absorvidas de forma isolada ou concorrente, pelo Colegiado de Curso, pela Direção de Centro, PROEN e PROPEX. Posteriormente, foi apresentado um pedido de reconsideração ao CONSUNI sobre essa decisão assinado por 14 chefes de departamento. A Procuradoria Geral da FURB – PROGEF emitiu dois pareceres jurídicos, de nº. 263/2015 e 273/2015, cujo teor afastava da competência do Conselho rever novamente suas decisões, apenas originariamente ou em grau de recurso, bem como tratou sobre a legalidade da proposta. Independentemente do que aconteceu depois em relação a essa decisão, o fato é que a universidade ainda não discutiu plenamente sobre uma nova estrutura administrativa que desconsidere a existência dos departamentos na FURB. Para isso, o CONSUNI com quórum qualificado, precisaria alterar o Estatuto da FURB. Decorre que esse semestre seguindo o cronograma de um calendário eleitoral deveriam estar sendo convocadas novas eleições setoriais. O papel da estrutura departamental é um tema que está sendo comparado pela reitoria com a figura do Coordenador do Colegiado de Curso e seu papel perante às avaliações externas, que no nosso caso são realizadas por uma comissão estadual que segue os critérios estabelecidos pelo MEC. A avaliação do curso é uma questão distinta da organização administrativa e da carreira docente nas diversas formas de organização das instituições de ensino superior existentes no país. O tema no contexto das mudanças ocorridas recentemente nas universidades ganha uma visão holística frente a novas estruturas propostas. A comparação das patologias da estrutura departamental também é identificada nas diferentes narrativas já existente na literatura, que vão desde problemas políticos como o fracionamento excessivo de uma mesma área do conhecimento em múltiplos departamentos e as implicações que envolvem disputas de poder, problemas pedagógicos como dificuldades para a efetivação da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade até questões administrativas que tratam do custo das horas da chefia de departamento, suas funções e excesso de instâncias de decisão. Os argumentos pró e contra a existência do departamento não estão totalmente esclarecidos em relação às ditas patologias que envolvem sua existência. Há necessidade, sim, de uma comparação e uma simulação que qualquer outra estrutura que possa ser trazida à luz da realidade da FURB, uma universidade pública municipal que possui ainda em seus quadros uma quantidade considerável de docentes do quadro e substitutos horistas mendigando horas e que foram admitidos em concursos com um mínimo de oito horas, o que não é exatamente o que se espera de uma carreira docente digna.

> **“**
>
> **O papel da estrutura departamental é um tema que está sendo comparado pela reitoria com a figura do Coordenador do Colegiado de Curso e seu papel perante às avaliações externas que no nosso caso são realizadas por uma comissão estadual que segue os critérios estabelecidos pelo MEC**

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! ***Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!***

DIRETORIA SINSEPES | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); ***Vice-presidente:*** Luiz Donizete Mafra (DAC), ***Secretária geral:*** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), ***1ª Secretária:*** Marian Natalie Meisen (CCT), ***Tesoureiro:*** Nazareno Schmoeller (CCSA), ***1º Tesoureiro:*** Valcir de Amorim (DAF), ***Diretora de Cultura e Cuidados com a Saúde:*** -, ***Diretor de Imprensa e Comunicação:*** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), ***Diretora de Assuntos Jurídicos:*** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), ***Diretora de Formação e Relação Sindical:*** Nevoni Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)
Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. ***Gráfica:*** Grafinorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista responsável: Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

sinsepes

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do Sinsepes (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da Furb - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br

INTERNAS

PROFESSORES DO PPGDR SE POSICIONAM SOBRE IMPEACHMENT

O professor Luciano Florit, doutor em Sociologia e docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da FURB, posicionou-se sobre o processo de impeachment. O texto foi publicado originalmente em reportagem publicada no Jornal de Santa Catarina, em 12 de abril e contou ainda com posição de outros especialistas como a do também professor do PPGDR e colunista do Expressão, Marcos Antônio Mattedi. Confira o texto assinado por Florit:

"Não ao impeachment, mas também não continuar do jeito que está

Se você perguntar a um jurista, ele dirá que o impeachment está previsto na Constituição e, se seguir um processo legal, não seria golpe. Agora, você tem uma extensão clara de até onde vai o âmbito jurídico e onde começa o político? Essa é uma questão crucial para entender o processo. As duas coisas estão misturadas.

O que é bom para o Brasil? O impeachment? Na minha opinião, não. Este é um governo bom? Não, mas o impeachment, do jeito que está colocado, se avançar, é mais ou menos como dar maior poder àqueles que, neste momento, têm menos legitimidade para fazer bom uso desse poder. O que seria uma solução razoável? Não ao impeachment, mas também não continuar do jeito que está. E fazer isso através de uma concertação política onde lideranças com espírito público conciliem uma agenda, visando a uma política econômica crível que direcione ao crescimento de empregos; à preservação dos programas sociais; um pacto para dar continuidade nas investigações contra a corrupção; e reconhecer a decisão do STF de que campanhas não devem ter financiamento de empresas.

Por outro lado, o PT precisaria pedir perdão. Uma autocrítica pública muito severa que os outros partidos também deveriam fazer. É uma conciliação política sem impeachment, mantendo a Dilma mas com um pacto político envolvendo situação e oposição. É preciso trazer novas formas de diálogo político, envolvendo a sociedade civil. É preciso explicar para ela que o Brasil precisa se esforçar para reconstituir seus laços sociais, sem informações enviesadas por dualismos. Claro que vai ter posições divergentes, mas não podemos ter essa discussão em um ambiente de guerra.

O Brasil é um dos países mais injustos do mundo e não podemos perder a agenda de igualdade social que o PT tentou trazer no meio desse discurso de "morram os petralhas". É preciso desvincular a imagem dos programas sociais da corrupção".

FURB SEDIA CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MÚSICA EM PARCERIA COM A UDESC

No dia 6 de maio a FURB sediará um Congresso Internacional sobre música, será no Auditório do Bloco T (campus 1), das 10h às 15h. Com temática "A música dos emigrantes alemães fora da Europa nos sécs. XVIII e XIX (The Music of German Emigrants Outside Eusope in the 18th and 19th Centuries)", o evento reunirá a participação de pesquisadores do Brasil, Alemanha, Polônia, Canadá, Venezuela, África do Sul, Reino Unido e Estados Unidos. Dentre eles, serão conferencistas os professores da FURB, do Curso de Música, Roberto Rossbach, Tiago Pereira e a ex-aluna Camila Werling. O congresso, que começa no dia 4 e 5 na UDESC, será em língua inglesa e contará com vídeo-conferências. Para mais informações acesse: www-dev.ceart.udesc.br/?id=160

DIVULGADOS OS ESPETÁCULOS DO 29º FITUB

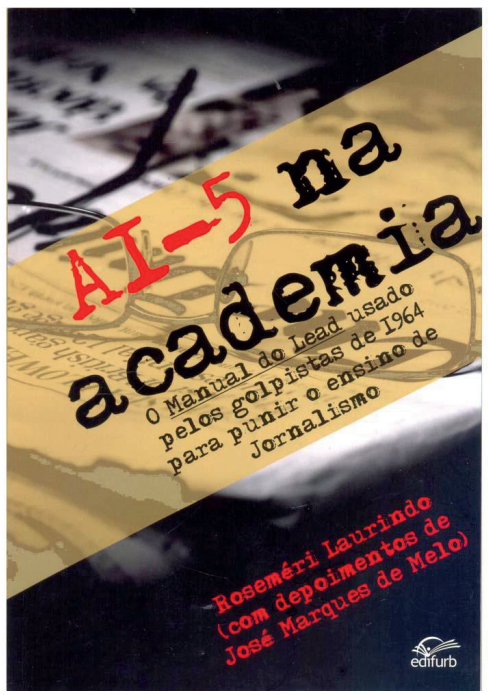
A Comissão de Curadoria dos espetáculos inscritos no 29º Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau divulgou a seleção dos participantes da Mostra Universitária Nacional do Festival. Formada por Fábio Luís Hostert (Blumenau - SC), Ricardo Kosovski (Rio de Janeiro – UNIRIO – RJ) e Patrícia de Borba (Pita Belli - FURB), o grupo indicou os seguintes espetáculos:

1) 19:45! — Centro de Formação Artística e Tecnológica – CEFART – Belo Horizonte – MG;
2) AOS QUE VIERAM ANTES DE NÓS – Universidade de São Paulo – USP – São Paulo/SP;
3) CORPUS, área de silêncio – Universidade de São Paulo – USP – São Paulo/SP;
4) Isso é um convite – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro/RJ;
5) P's – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Caicó /RN;
6) Rasgue minhas cartas – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis/SC;
7) TITUS FÚRIA – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas/SP;
8) Zeca de uma cesta só – Universidade Federal do Pará - Belém/PA

ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE REÚNE PESQUISADORES NA FURB

O auditório do Bloco J da FURB será a sede da 10ª edição do Encontro de Economia Catarinense, nos dias 12 e 13 de maio. O evento é realizado pela APEC - Associação dos Pesquisadores em Economia Catarinense. Ao todo são dez áreas temáticas, incluindo Economia e Política Internacional, Desenvolvimento e Sustentabilidade Sócio Ambiental, Gestão e Economia do Setor Público, entre outros. A programação abre às 9h com a recepção aos pesquisadores, dia 12, sendo que a abertura oficial está prevista para as 19h. Os fundadores da APEC serão homenageados durante o encontro. Este ano o tema do evento é Migrações Contemporâneas. Será a segunda vez que Blumenau sedia o encontro e a expectativa da organização é de que o evento reúna em torno de 250 pessoas. Mais informações sobre o evento no site: www.apec.pro.br

BIBLIOTECA SEDIA OFICINA DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO



No dia 3 de maio acontece o 2º encontro do projeto Oficina de Leitura e Interpretação de texto da FURB. Será às 19h, no nível 3 da Biblioteca Central, e o texto escolhido são excertos do livro "AI-5 na academia: o Manual do Lead usado pelos golpistas de 1964 para punir o ensino de Jornalismo". A mediadora convidada é Rosiméri Laurindo, coordenadora do curso de jornalismo da FURB. O livro retrata como o Decreto 477 do Governo Militar Brasileiro (o AI-5 da academia) foi usado para a demissão do catedrático José Marques de Melo da Escola de Comunicação da USP, em 1974. A Oficina, acontecendo mensalmente, iniciou em abril e pretende convidar a comunidade a ler um texto escolhido em grupo e interpretá-lo em conjunto. A leitura é mediada por alguém com domínio do assunto selecionado, e esta pessoa, assim como o tema, muda a cada encontro. Ao longo do ano serão contempladas áreas como filosofia, psicologia, jornalismo, cinema, literatura, história, entre outras.

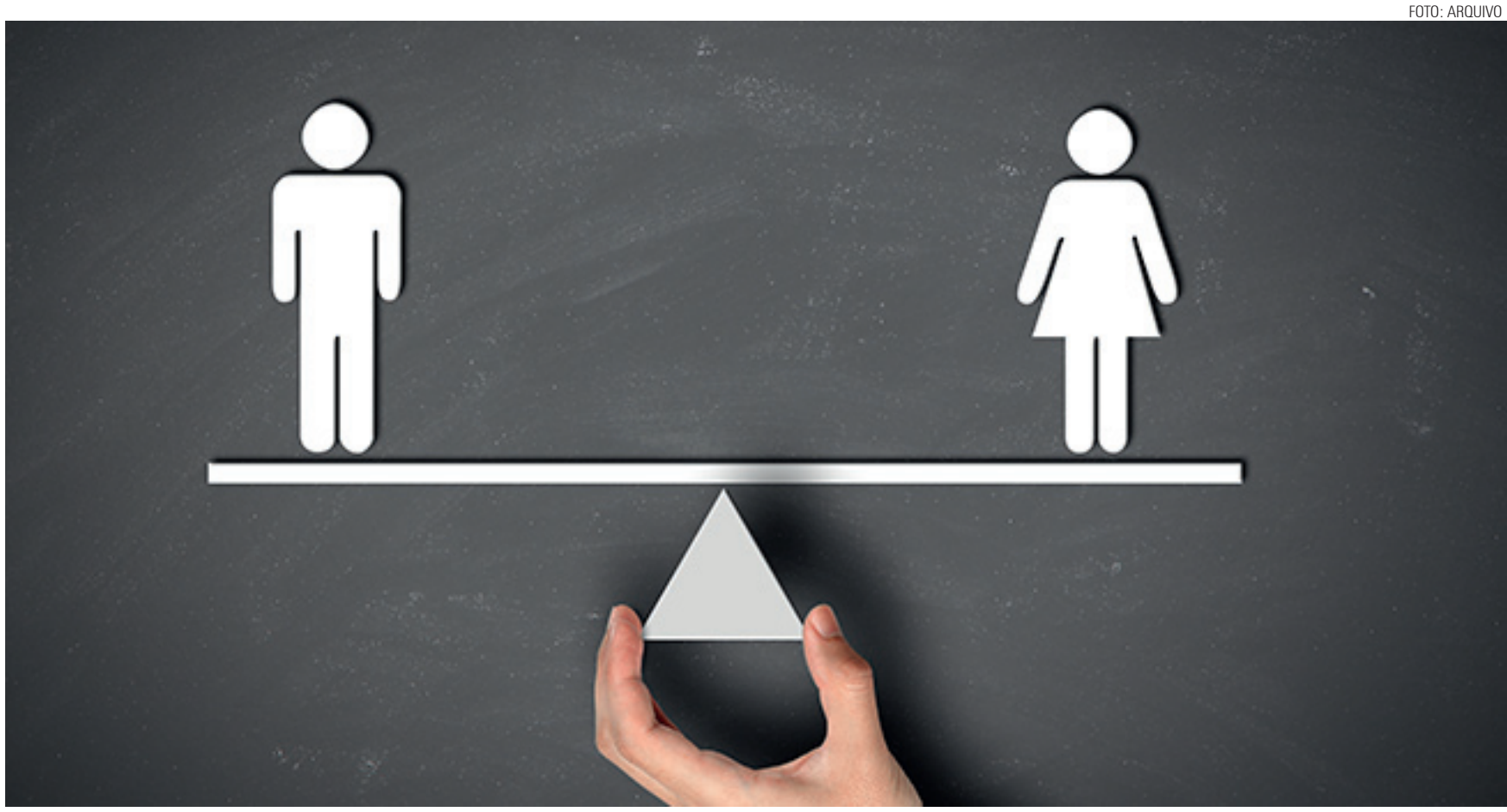
A FURB NO DEBATE DE GÊNERO

IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO ÉTICA NAS RELAÇÕES

POR JOÃO HORR

Professor do Departamento de Psicologia da FURB < jf.horr@gmail.com >

FOTO: ARQUIVO



Experimentamos um momento singular e histórico na política brasileira. Escrevo este artigo, poucos dias após as manifestações polarizadas em todo o Brasil, catalisadas ainda mais pela votação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril.

Perguntam-se: mas isso interessa, considerando que o tema deste artigo deveria ser a necessidade da inserção sistemática do debate de gênero na FURB? Eu afirmo, independente de posicionamentos políticos na querela da democracia, que este ponto de partida pode ser essencial para compreendermos a importância da discussão de gênero na universidade.

“A identidade é protetora. Num contexto político, a identidade nos retira da angústia da falta de posicionamento e nos coloca num lugar específico, com nossos pares, àqueles que nos identificamos. O mesmo vale para nossas noções de gênero, nas coletividades e gerações que definem nosso lugar enquanto homem ou mulher.

Sabemos, desde o processo de candidatura à presidência em 2014, que o conflito político e as polarizações (em redes sociais, nas esquinas ou em qualquer canto...) na opinião pública têm se tornado acirradas. Talvez nunca estivemos num momento histórico em que discussão política simplesmente não pode ser evitada: ela está em toda parte.

Pois bem. Afirmo que as identificações e consolidações de blocos em conflito constante neste debate político parecem se assemelhar, em muito, à noção de identidade que construímos em torno de nossas determinações biológicas e desejantes em relação ao sexo e gênero. “Coxinhas”, “petralhas”, “pró-impeachment” e “anti-golpe” são algumas designações que constituem os blocos de identidade política que experimentamos neste momento.

Da mesma forma, construímos noções gerais sobre o feminino e o masculino, blocos de identidade sobre que é ser um homem e uma mulher. “Macho”, “viril” são designações típicas de uma noção de homem, da mesma forma que “recatada”, “dócil” designam uma determinada nomeação do que é ser mulher.

A identidade é protetora. Num contexto político, a identidade nos retira da angústia da falta de posicionamento e nos coloca num lugar específico, com nossos pares, àqueles que nos identificamos. O mesmo vale para nossas noções de gênero, nas coletividades e gerações que definem nosso lugar enquanto homem ou mulher. No entanto, a identidade também mascara a angústia e o campo de possíveis das relações, daquilo podemos nos tornar: a identidade apaga a diferença para garantir a sua preservação.

Na década de 40, Simone de Beauvoir já destacava a condição existencial das mulheres, e que basicamente correspondia ao lugar construído ao corpo, ao desejo e ao destino da mulher em nossa sociedade. Com Joan Scott, desde a década de 80, conseguimos estabelecer o gênero como uma ferramenta reflexiva, que possibilitava compreender os destinos de homens, mulheres, e consequentemente, dos “desviantes” destas categorias gerais sobre o desejo dos corpos e destes lugares subjetivos.

Apesar de décadas de intensa construção teórica e autocrítica, o debate de gênero ainda permanece recalcado nas universidades e nas coletividades. Ainda há pouco, li numa notícia[1] a fala de um con-“sagrado” deputado, que um dia se colocou como presidente da Comissão dos Direitos Humanos: “ (...) golpe foram eles [os governistas] que deram ao tentar, de diversas formas, atingir a educação das nossas crianças com a abordagem de assuntos sexuais para crianças com menos de quatro anos de idade com a sepultada teoria do gênero”.

A restrição, nesta fala, ao debate de gênero ao “assunto sexual” demonstra o recalcamento da reflexão e a ignorância ao não perceber a relevância do debate de gênero nos espaços pedagógicos. São as construções de gênero acerca do homem “viril” que exigiram uma política pública de saúde nas questões do homem. Isso porque o viril supostamente não adoece, e, portanto, não acessa os serviços de saúde. A virilidade do homem o conduziu a

não cuidar da sua própria saúde.

Da mesma forma, são as construções patriarcais de gênero que guiam nossos modelos afetivos e relacionais. São as mesmas que associam o amor à posse, do outro como meu objeto. São estas construções arraigadas que exigiram a necessidade de um debate sério sobre a violência conjugal e a necessidade de uma rede intersetorial de cuidado e punição diante destas situações.

Recentemente, o Centro de Ciências da Saúde da FURB juntamente com o Departamento de Psicologia, construiu uma reflexão de gênero com a professora Maria Juracy Toneli, da Universidade Federal de Santa Catarina. O debate se centrou nas vulnerabilidades enfrentadas pela população trans e seu acesso aos serviços de saúde.

Num momento histórico para a FURB, tivemos a adesão de discentes, docentes e movimentos sociais representantes nas questões sobre gênero. Para além das reflexões suscitadas neste debate, é interessante perceber que as pessoas trans, na sua ruptura com a identidade de gênero que lhes foi imposta (diga-se mais: a cada um de nós) produzem uma diferença com implicações éticas importantes.

Na salvaguarda da identidade, temos cada vez mais, desde o momento político atual até nas nossas construções de gênero, nos fechado em nossas defesas, preservados no conforto dos nossos iguais. A reflexão sobre o gênero e a via necessariamente trans-gressora na subjetividade das pessoas trans nos deslocam dos nossos pilares de identidade, nos força a encarar a diferença.

“ Num momento histórico para a FURB, tivemos a adesão de discentes, docentes e movimentos sociais representantes nas questões sobre gênero. Para além das reflexões suscitadas neste debate, é interessante perceber que as pessoas trans, na sua ruptura com a identidade de gênero que lhes foi imposta (diga-se mais: a cada um de nós) produzem uma diferença com implicações éticas importantes.

Este deslizamento de identidade de gênero possui implicações éticas na diferença e podem ser fundamentais para refletirmos nossa conjuntura política atual. São também as condições de possibilidade para qualquer discussão séria sobre o gênero na universidade.

Fico contente, mesmo diante do acirramento das identidades, que estamos produzindo dispositivos na Universidade para uma reflexão sobre o gênero. O Voz Livre - Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade, coordenado pelo professor Celso Kraemer, representa a consolidação institucional disso. Portanto, estamos abertos ao diálogo e a reflexão crítica na FURB.

Criar estes dispositivos é fundamental. Apontar a fluidez das nossas identidades e o reconhecimento da diferença em gênero podem ressignificar valores éticos importantes. A abertura ao novo, o diálogo crítico e a transformação na diferença podem indicar vias possíveis na superação das identidades rígidas. Estas sim, na sua preservação interna, estarão fadadas ao sepultamento diante das exigências e mudanças necessárias.

[1] A fonte foi esta reportagem: http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/no-plenario-partidos-fazem-discursos-contra-e-pro-impeachment.html

SOB O PESO DA SERVIDÃO: A AÇÃO SINDICAL FRENTE AO NOVO TRABALHADOR COLETIVO

POR EMILIO GENARI

Educador popular <epcursos@gmail.com >

No Brasil, há várias ideias de sindicato que se revelam na atuação de suas direções. Aqui, evitaremos discutir as teses e as posturas de cada uma delas, mas partiremos do pressuposto pelo qual não há sindicalismo que ajude a derrotar a exploração sem dar aos trabalhadores os meios para pensar e dirigir os enfrentamentos. Neste sentido, realizar ações no local de trabalho, rumo a perspectivas mais amplas, parece lógico e viável, mas há uma pergunta intrigante: por que é tão difícil envolver trabalhadores e trabalhadoras nas lutas por seus direitos?

Para responder, nada impede que recorramos a teóricos consagrados. Mas estes guias nos fornecem mais ferramentas de análise do que respostas ao cotidiano no trabalho onde as pessoas são modeladas para extrair delas o máximo possível e neutralizar o potencial de conflito semeado pelo descontentamento. Mescla de coerção e convencimento, o equilíbrio entre exploração e ausência de reação tende a ser mais duradouro quando os empregados assumem voluntariamente as exigências dos empregadores como parâmetro para pensar o presente e projetar o futuro.

Sendo assim, compreender a visão de mundo do trabalhador coletivo em relação às tarefas diárias, aos problemas que surgem na sua realização e às perspectivas de afirmação pessoal que são oferecidas é um passo essencial para conhecer o que desperta raiva, angústia, indignação, satisfação, reconhecimento, compromisso e desejo de adaptação.

Para que as propostas de luta façam sentido para as pessoas às quais se dirigem, o sindicato precisa dialogar com as leituras da realidade, os conflitos e as situações vivenciadas pelo trabalhador coletivo. Longe de incorporar acriticamente o senso comum, a compreensão dos elementos que o compõem permite plantar dúvidas no que parecia líquido e certo, ampliar a visão dos problemas, identificar o que se esconde sob o manto dourado das aparências e mostrar que dá para “dizer não” ao que era percebido como natural e impossível de ser mudado.

Temos consciência de que as dificuldades dos nossos dias nascem de escolhas que marcaram as três últimas décadas. O resultado com o qual nos deparamos passa longe do que desejávamos, mas é sobre ele que devemos lançar o alicerce do amanhã enquanto movimento sindical.

“ Temos consciência de que as dificuldades dos nossos dias nascem de escolhas que marcaram as três últimas décadas. O resultado com o qual nos deparamos passa longe do que desejávamos, mas é sobre ele que devemos lançar o alicerce do amanhã enquanto movimento sindical.

Por isso, conhecer o mundo em que se movimenta o trabalhador coletivo e enfrentar seus desafios é parte essencial do esforço de capacitá-lo para as mudanças com as quais buscamos construir o futuro da classe trabalhadora.

A TÉCNICA CONSTRUTIVA ENXAIMEL (FACHWERK)

Ao contrário do que muitos pensam, o enxaimel é uma técnica construtiva e não um estilo arquitetônico. Conheça mais sobre aquele que é considerado uma marca característica da região

POR ANGELINA WITTMANN

Arquiteta e Urbanista - Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura das Cidades pela UFSC. Autora dos livros: A Ferrovia no Vale do Itajaí – Estrada de Ferro Santa Catarina – 2010. A Estrada de Ferro no Vale do Itajaí – Resgate do Trecho de Blumenau a Warnow – 2000. Coautora do livro Ferrovia e Desenvolvimento – Este é o Caminho. <angewitt@hotmail.com>

O método construtivo enxaimel é o nome dado à estrutura de madeira, que organizada horizontal, vertical e inclinada formam um conjunto rígido e acabado através do encaixe dos elementos de madeira. Este é o entendimento atual regional/local e afirmamos que pode mudar de acordo com o recorte do período histórico, local, ou mesmo, de acordo com o conceito do termo alemão - Fachwerk.

A tradução para o português de Fachwerk é "treliça". O termo não reporta somente ao tipo de encaixe feito, com ou não a presença de pregos de metal ou, de madeira. É necessário compreender o termo dentro de cada recorte histórico e local. Foram encontradas edificações Fachwerk em sítios neolítico da Europa e também em outros continentes, como no Japão, onde é muito comum o uso da madeira na construção das casas.

Muitos concluem e definem erroneamente sobre a técnica construtiva enxaimel. Definem conceitos, considerando somente um recorte de tempo dentro da evolução do uso de materiais e tecnologias construtivas. Por exemplo, afirmam que o enxaimel é feito de caibros de madeira encaixados com o uso de pregos de madeira e não prego metálico – definição do recorte de tempo histórico relacionado à idade média – período das guildas.

O enxaimel é uma técnica construtiva e não um estilo de arte, como muitos denominam. Surgiu a partir da construção de edificações feitas de toras e troncos de árvores beneficiados sem a tecnologia das máquinas modernas, mas sim com machados, enxós, facões feitos, geralmente, por artesões, ou agricultores, a partir de uma estrutura de madeira pronta para suportar grandes cargas. Anterior ao tempo destas ferramentas eram feitas com pedras e outras ferramentas rudimentares. A técnica construtiva tem sido usada por milênios, em vários locais do planeta. Há várias maneiras de se construir o enxaimel. Geralmente são classificados pelo tipo de fundação, paredes, como e onde são feitos os elementos de contraventamento (caibros inclinados), o uso de caibros de madeira em curva, e os detalhes de enquadramento dos telhados.

O enxaimel é uma técnica construtiva e não um estilo de arte, como muitos denominam. Surgiu a partir da construção de edificações feitas de toras e troncos de árvores beneficiados sem a tecnologia das máquinas modernas, mas sim com machados, enxós, facões feitos, geralmente, por artesões, ou agricultores, a partir de uma estrutura de madeira pronta para suportar grandes cargas.

2 - Rothenburg ob der Tauber - Deutschland

A técnica construtiva enxaimel foi trazida para o Brasil pelos imigrantes alemães. Foi construído em algumas regiões do Brasil, como: Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apresentam características próprias regionais, contudo não deixam de ser legítimos enxaimeis. Estas diferenças, também ocorreram em outras partes do mundo, dentro dos distintos recortes de tempo. Isto contribui muito para a complexidade de se estudar esta técnica construtiva milenar, como se fosse algo único e homogêneo definido por muitos, de maneira simplista, como – uma estrutura de madeira encaixada, contraventada e com pregos de madeira. Será isto mesmo?

O que é Enxaimel?

O termo alemão - Fachwerk - significa Treliça.

Treliça é um conjunto estrutural de elementos ordenados e ligados entre si em ambas as extremidades. Cada haste é um componente de pelo menos um compartimento, ou seja, um polígono, independe do material usado – pode até ser de madeira. Na publicidade, isto está para o produto que recebe como sinônimo, a marca que o supera. Por exemplo, no Brasil – palha de aço pode ter o sinônimo de Bombril (marca). O que queremos explicar com isto? No Brasil define-se enxaimel somente como aquele Fachwerk feito com caibros de madeira com pregos de madeira e o resto mais, não o é. A partir da revolução industrial, que teve seu início na Inglaterra, passou-se a usar metal para construir estruturas em treliças – Seriam estas estruturas também considerados enxaimel? – Estruturas construídas desde o período neolítico, com madeiras toscas e amarradas entre si.

3 – Construção torre Eiffel – 1889 - Fonte: www.parisdigest.com

Nos primeiros tempos, quando o homem se fixou na terra e deixou de ser nômade, eram usadas ferramentas de pedras; depois, ferramentas de bronze. No Império Romano - tinham machados especiais para trabalhar a madeira. Com a produção industrial do ferro - para fabricação de armas e ferramentas - aperfeiçoadas e com um grau de grande desenvolvimento na idade média, surgiu o enxó, ferramenta usada até os dias atuais. O enxó (em alemão - Breitbeil) é uma ferramenta da carpintaria usada para plainar toras de madeira, transformando-as em tábuas e caibros. Há versões direita e esquerda.

A técnica do enxaimel evoluiu – no ocidente - originárias das mais antigas construções pré-históricas – palafitas – e eram assim construídas, por motivos de segurança. Foram encontradas vilas inteiras construídas com a técnica – ainda rudimentar - ao pé dos Alpes. A partir destas edificações palafitas do neolítico – evoluíram a partir de sua maneira de construir, na região ao norte do Alpes, de onde irradiou pela Europa Central e para a Inglaterra. Estudos apontam que estas palafitas em enxaimel foram construídas entre os anos de 4.300 a.C. e 800 aC. Os sítios encontrados - vilarejos de palafitas dos Alpes e entorno foram incluídos na lista do Patrimônio da Humanidade da Unesco. Os 111 sítios estão localizados na Alemanha, Áustria, França, Suíça, Itália e Eslovênia.

4 – Vila Em Palafitas, onde usavam treliça madeira em forma rudimentar para construir palafitas - Deutschland

A evolução técnica das construções neolíticas dos Alpes culminou com a técnica do Fachwerk atual - com o uso predominante da madeira e do barro.

O termo Enxaimel provavelmente deriva do alto - alemão Mittelhochdeutsch – por volta de 1050-1350 - originado do Vach, que significa pau.

Na idade média até os dias atuais, a madeira era e é o principal material usado pelos carpinteiros (Zimmermann – em alemão). No tempo das guildas medievais, optavam por usar somente a madeira (Matéria prima básica das guildas dos carpinteiros) – evitando qualquer tipo de crava, prego ou parafuso de metal na construção de uma edificação Fachwerk. Se usasse, não significaria que deixaria de ser um Fachwerk – mas a "reputação" do artesão poderia ser comprometida, pois os ferreiros (que trabalhavam com metal) pertenciam a outra guilda.

Historicamente, como conhecemos atualmente, as primeiras edificações, a partir de seus elementos de madeira, eram construídas e preparadas em uma elevação ou Aufschnürung.

Depois, passou a ser construído, a partir de seus elementos de madeira, em um galpão de produção e atualmente, geralmente fazem parte de uma linha de produção coordenada por profissionais da arquitetura e engenharia, que desenvolvem projetos criando os mais variados volumes e sugerindo os mais variados materiais de fechamento. As tipologias feitas com estrutura de enxaimel nunca deixaram de ser construídas e fazem parte da identidade de várias regiões da Europa, em menor grau, em outras partes do mundo.

Muitos, são os fechamentos usados entre a estrutura de madeira (Paredes). Por exemplo, uma muito antiga e comum na Alemanha é o tipo Egerlander – Enxaimel do Alto Palatinado. Este, resume-se em uma estrutura exposta com compartimentos fechados com trança de madeira e pique (Pau a pique) - taipa de mão - Flechtwerk und Lehm. É uma técnica construtiva originária na épo-

ca neolítica - a partir do entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transformava-se em parede. Muitas edificações existentes na Alemanha têm suas paredes feitas desta maneira e não com o fechamento com tijolos.

A técnica construtiva atual – sob o conceito defendido, em solo brasileiro, do que seja técnica enxaimel - resume-se em um conjunto de caibros verticais, que são usados como apoios e que receberão os esforços dos caibros inclinados, horizontais e das terças. Elementos usados em ângulos 45° são usados para o contraventamento transversal integrados aos elementos perpendiculares. Os Strebe (Caibros inclinados) quase sempre são posicionados simetricamente, para enrijecer o conjunto, contra ações externas, como forças dos ventos. Os caibros articulados através de encaixes, são presos com "pregos de madeira", na Alemanha conhecidos como Holznägeln - que têm aproximadamente 2 cm de diâmetro. Lembramos que a técnica construtiva enxaimel solidificou-se na idade média, em cidades medievais intramuros, na qual a sociedade se organizava dentro da estrutura feudal. Nesta estrutura social existiam as guildas. A guilda dos carpinteiros (manuseavam madeira) não usaria material manuseado por outra guilda (ferreiro) e criou seus próprios pegos – de madeira ou Holznägeln.

A madeira usada na estrutura enxaimel nos primórdios - na Alemanha, foi o carvalho. Atualmente continuam construindo edificações enxaimel com madeira, porém utilizam madeira de reflorestamento. No Brasil, no passado usavam canela preta e atualmente continuam usando madeira nobre, mas não de reflorestamento, mas retirada da floresta.

O material utilizado para efetuar o fechamento (Paredes) intercaibros ordenados estruturalmente (Gefach), podem ser usados vários: desde pau à pique ou taipa, alvenaria de tijolos ou de pedras - rebocadas ou não, madeira, vidro, ou qualquer outro material que a criatividade permita (Nos moldes atuais).

5 – Blumenau SC - Brasilien - Diferentes tipos de Fechamento

A decoração e arte de acabamento de uma edificação Fachwerk ou enxaimel, varia de lugar para lugar e também, do recorte de tempo histórico no qual foi construída. Os elementos podem receber diferentes denominações, também de acordo com cada região e período histórico.

A seguir - algumas denominações conhecidas ao classificar o decorativismo da fachada de uma edificação enxaimel histórico alemão:

Andreaskreuz
Bundwerk
Doppelstrebe (Escora duplas)
Diamantband (als Steigerung des Kettenfrieses)
Inschriften
Fächerfries (ca. 1535–1560)
Figurenfries
Knaggen
Kreuzfries
Laubstab (ca. 1520–1550)
Treppenfries
Taustab

Os resquícios históricos mais antigos do enxaimel presente na paisagem atual estão localizados entre os achados nos lagos do norte da Europa. Também foram encontrados em outros locais, submersos – vilas inteiras de palafitas neolíticas construídas com tecnologia semelhante a arquitetura de treliça –enxaimel. Também é considerado parte da história evolutiva desta técnica construtiva, o sítio minoico – no qual foi encontrado moldura de madeira de construção tipo minoica de 1700 AC, em Akrotiri em Santorini. Para terminar, é considerado enxaimel, a edificação encontrada na cidade do Golfo de Nápoles – Herculano - construída a partir de elementos de treliça – enxaimel. Herculano, como as cidades de Pompéia e Stabie, também foi atingida pelas larvas do Vesúvio em 79 AC. O arquiteto romano - Marcos Vitrúvio – viveu no século I AC e deixou a obra "De Architectura" - aproximadamente 33AC. Nesta obra mencionou a construção enxaimel da cidade de Herculano. O arquiteto descreve um edifício construído a partir de uma construção enxaimel (Latim – Opus Craticium) naquele local.

As edificações enxaimel, também foram encontradas em regiões de floresta e madeira em outras partes do globo, como no antigo Império Otomano – a partir da Bulgária em direção a Síria.

Na Alemanha, o Fachwerk foi classificado em: Ständerbau - mais antigo; Rähmbau ou Stockwerksbau – o mais jovem, onde cada pavimento era fabricado como um módulo independentemente. A causa do surgimento desta técnica provavelmente, foi a escassez de madeira nas cidades em desenvolvimento. Também, o desejo de construir edificações mais altas, com elementos de madeiras – caibros menores, para facilitar seu transporte fez surgir o Jettying. A princípio, o Jettying – foi uma técnica construtiva muito usada na idade média, onde o volume do andar superior de uma edificação ia além das dimensões do andar inferior – Isto fazia com que além de assegurar a estabilidade de uma estrutura pronta – do andar inferior, também aumentava sua área sem interferir na rua. Os caibros que transpassam o andar inferior são muitas vezes reforçados por mão francesas curvas que posteriormente, dependendo a região recebiam adornos característicos de cada região.

Quanto ao enxaimel construído no Brasil, nas regiões do: Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – fomos questionados um tempo atrás com a seguinte pergunta: Por que a técnica construtiva do enxaimel é diferente em três regiões distintas do Brasil, sendo que foram construídas pelos mesmos imigrantes, oriundo das mesmas regiões da Alemanha, mais ou menos no mesmo período histórico?

O imigrante alemão trouxe consigo uma bagagem de conhecimentos técnicos - milenares. Usou este conhecimento e fez uso do material que tinha disponível em cada uma das regiões mencionadas - região que escolheu para construir sua edificação. Trouxe o modo de fazer o enxaimel, que tivera contato, em sua região, na Europa e que nem sempre são todos iguais. Trouxe a técnica construtiva do enxaimel. A exemplo do homem neolítico, buscou no entorno imediato do local da construção de sua casa provisória, no terreno, no sítio, o material disponível e necessário para construir seu primeiro abrigo em solo brasileiro. Neste tempo, dotado de um pouco mais de conhecimento técnico do que seu antepassado neolítico. Estava munido da herança técnica da construção. As regiões ocupadas por imigrantes alemães no Brasil eram distintas e diferentes em vários aspectos, como: geográficos, sociais e econômicos.

Por que as edificações enxaimel eram diferentes nas três regiões mencionadas?

Porque estas regiões eram geograficamente diferentes e nestas regiões já existiam fixadas outras culturas, como técnicas próprias de construção. As diferenças tinham relação com o contexto social, geográfico, econômico do local. Também da disponibilidade dos principais materiais, densidade de pessoas, cidades próximas, e disponibilidade e tipo de materiais contribuíram para o resultado final da edificação do imigrante alemão que trouxe em sua bagagem a técnica construtiva do Fachwerk.

Como no período neolítico, o imigrante alemão em solo brasileiro, nas três regiões citadas, construiu a casa provisória como abrigo e proteção, de pau a pique usando material retirado do sítio.

Após algum tempo, construiu sua casa "permanente" utilizando materiais industrializados na região, com mão de obra da região - específico de cada região. Em função da abundância de madeira no Brasil – no período de chagada dos primeiros imigrantes, foi adotada a estrutura enxaimel, com mais ou menos uso, de acordo com cada e região interferência cultural.

No início do século XX, os descendentes do imigrante alemão e mesmo os imigrantes, por alguns motivos, seguiram a tendência arquitetônica internacional, construída nas capitais dos estados brasileiros e em nos países da Europa – Art decó. Muitos desprezaram as edificações enxaimel, por considerarem-na a edificação daqueles que chegaram no Brasil – relacionando-a a uma edificação rural do imigrante alemão que buscava uma vida melhor. Muitas construções em enxaimel foram rebocadas, principalmente na área central do Stadtplatz. Erroneamente afirmaram e afirmam que o enxaimel foi uma edificação estritamente rural, o que não confere com dados da história e fotografias antigas da Colônia Blumenau, por exemplo, as quais mostram inúmeras exemplares de enxaimel na área urbana do Stadtplatz da colônia.

Em algumas regiões da Alemanha, o enxaimel está ligado à identidade local e nunca deixou de ser construído. No Brasil, muitos têm a ideia de que uma edificação enxaimel é algo que reporta ao velho e ao passado. O patrimônio histórico arquitetônico não é tão valorizado e preservado como deveria.

Ainda há tipologias desta técnica construtiva presentes na paisagem de cidades do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com sua adaptação ao local construídos, perceptível em suas diferenças.

NA BUSCA POR VIVER MELHOR

Haitianos participam do Grito dos Excluídos, na abertura do desfile de 7 de setembro, ano passado em Blumenau
FOTO: MAGALI MOSER

Não há dados oficiais, mas estimativas da Secretaria Estadual de Assistência Social dão conta de que 8 mil haitianos vivam hoje no Estado. Cidades como Criciúma e Chapecó, além da região da Grande Florianópolis, concentram o maior número deles. Sem uma política de imigração definida, Estado estuda implantação do primeiro Centro de Referência e Atendimento aos Imigrantes e Refugiados

POR MAGALI MOSER E MARCELA CORNELLI

Jornalistas <magali.moser@gmail.com> e <marcelacornelli@gmail.com >

Haitianos são a maioria entre os imigrantes em Santa Catarina. Em segundo lugar, aparecem os sírios. Estima-se que cerca de oito mil haitianos vivam hoje no Estado, a maioria em cidades como Criciúma, Chapecó, além da região da Grande Florianópolis. Eles vêm em busca do sonho do emprego e de poder enviar dinheiro aos seus familiares que ficaram distantes. Estudar em uma universidade pública também é um dos anseios dos mais jovens. Geralmente, esses imigrantes trabalham em postos de gasolinas, na construção civil, na limpeza de restaurantes, na rede hoteleira, em supermercados e as mulheres como diaristas. Em geral, em serviços prestados por empresas terceirizadas.

Diante da demanda, o governo do Estado estuda a implantação do primeiro Centro de Referência e Acolhimento dos Imigrantes e Refugiados em Santa Catarina. Ainda que com sede em Florianópolis, o CRAI irá atender imigrantes residentes em qualquer cidade do Estado. A consultora especial na área da Assistência Social da Secretaria de Estado, Ivone Maria Perassa, afirma que a estrutura estava prevista para abril, mas houve atrasos e a expectativa é de que fique pronta até o final do mês de maio. O espaço deve oferecer suporte jurídico, apoio psicológico e social, além de oficinas de qualificação profissional. Buscará promover o acesso a direitos e à inclusão social, cultural e econômica dos imigrantes por meio do atendimento especializado a essa população, da oferta de cursos e oficinas, além do serviço de acolhimento.

"Por muito tempo há, dentro dos governos estadual e federal, uma indefinição sobre a que pasta o tema se refere, e eu diria até uma omissão. Santa Catarina ainda não pensou numa política para atender a essa questão. O debate permeia todas as áreas. O Centro de Referência não vai responder a todas as demandas. Há necessidade de uma ação integrada entre todas as secretarias", reconhece Ivone, em entrevista ao Expressão Universitária.

O CRAI é resultado de um convênio entre os governos federal (que prevê o repasse de R$ 1 milhão) e estadual (com uma contrapartida de R$ 58 mil ao projeto). O valor será utilizado para a montagem da equipe de trabalho, e para a instalação do Centro de Referência na capital catarinense. Para Ivone, o mais grave com a vinda dos imigrantes para Santa Catarina é o desemprego. Como dependem de aluguel, muitos se colocam em uma

condição de muita precariedade. Desde que o processo de migração dos haitianos para Santa Catarina se intensificou, o acolhimento maior tem sido por parte da sociedade civil, acredita Ivone. As ações incluem atividades de voluntariado, com Organizações Não Governamentais (ONGs), abertura de salas para alfabetização e empenho de professores e universidades para garantir um atendimento humanizado aos imigrantes.

Com a recessão no País, desemprego, inflação crescente, somando aos baixos salários, poucos conseguem enviar dinheiro à família que ficou no país de origem. "Os sonhos dividem-se em ter um emprego e poder estudar" é o que disse à reportagem Paul André, um dos coordenadores do Movimento de Haitianos em Santa Catarina. O haitiano Paul está em Florianópolis há cinco anos e formou-se no curso de Engenharia Civil, pela Universidade Federal de Santa Catarina. "Não há diferenciação. Não tenho privilégios por ter estudado. As dificuldades são as mesmas. Mesmo no meio acadêmico, há dificuldades, como a falta de preparo dos professores para receber os alunos vindos de outros países e o preconceito", diz. Paul acompanhou desde o início a chegada dos haitianos no Estado, quando ônibus foram enviados pelo governo federal do Acre à Santa Catarina. Os haitianos foram abrigados em um ginásio de esportes, o Capoeirão, na parte continental de Florianópolis. Alguns tinham contatos com parentes e/ou conhecidos que já viviam na cidade. Ali mesmo no abrigo, o Estado, através da Secretaria de Assistência Social, fazia as documentações necessárias e encaminhava-os para vagas de empregos. No entanto, muitos não tinham para onde ir. A imigração para o Brasil começou após 12 de janeiro de 2010, quando um terremoto de grau 7 na escala Richter matou mais de 100 mil pessoas em um Haiti já devastado por conflitos e problemas sociais.

Para amenizar as dores de quem está longe do seu País e ajudar até que eles possam conseguir trabalho, Angela Dalri, que coordena o Projeto Pixurum, acolhe os haitianos em uma casa no bairro Carvoeira, em Florianópolis, próximo à Universidade Federal. "Um dos maiores desafios é o idioma", diz Ângela. O Projeto Pixurum existe desde fevereiro de 2008 com a finalidade de acolher moradores de rua. "Tentamos resolver questões mais imediatas como alimentar, servimos sopa para os moradores de rua, verificamos cada situação, ligamos para as famílias e ajudamos a encaminhar para tratamento médico, quando necessário. No caso dos haitianos, a situação é diferente. Eles usam o espaço até conseguirem algum lugar para morar. Os que trabalham, pagam um aluguel simbólico para ajudar a manter a casa e a alimentação de quem não trabalha. Ajudamos a confeccionar os currículos e aos poucos eles aprendem o básico do idioma para conseguir emprego. Já recebemos também imigrantes do Timor Leste. O aprendizado é mútuo. Pixurum quer dizer: O bem que fazemos nos faz bem também".

Ex-dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da UFSC e militante de longa data, Ângela conta que alguns haitianos conseguem receber benefícios como Bolsa Família, cartão de ônibus e atendimento na rede de saúde pública. Porém, a inserção no mercado de trabalho, principalmente pela dificuldade com o idioma, é o mais difícil.

Outro ponto levantado por Ângela na convivência com os haitianos é a falta de opção de lazer e cultura. "É um povo que gosta muito de dançar, de socializar. Mas, acabam ou por medo da falta de segurança e de serem discriminados, ou por não terem condições econômicas, limitando-se à ida ao trabalho e à igreja".

SEGURANÇA E PRECONCEITO PREOCUPAM

"Desde o ocorrido com a morte do haitiano em Navegantes, no ano passado (quando um haitiano foi morto esfaqueado), os haitianos que moram na casa temem participar das programações culturais na cidade pela falta de segurança", afirma Ângela. Ela diz ainda que a maioria dos haitianos que vivem na casa têm entre 18 e 45 anos. "O desejo deles em trazer a família é grande". Ângela dedica-se a ajudar no que é mais imediato, no entanto, não abandonou as lutas maiores por uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, está organizando uma campanha de arrecadação de feijão, base da comida dos haitianos, para a casa. Interessados em colaborar podem procurar mais informações na página mantida pelo projeto via Facebook: Pixurum - Solidariedade em Florianópolis.

Mulher forte, que deixou o país de origem, marido e filhos e veio para o Brasil, Maria* veio para cuidar da enteada e também trabalhar. Ela trabalha como diarista e pretende ter todos os dias da semana ocupados para juntar dinheiro. O sonho é trazer o marido e os demais filhos que ficaram lá. Maria não compreende bem o português. Em poucas palavras e com a ajuda da enteada formulou o depoimento: "Sinto saudades do Haiti, onde eu tinha e cuidava da minha casa. Aqui trabalho para outras famílias. Gosto de Florianópolis, porque é uma cidade grande e bonita. Vim em busca de oportunidades". Pediu para não ser identificada na reportagem porque não quer que a família no Haiti interprete de maneira errada que ela está vivendo em condições precárias e/ou de dificuldades.

A enteada, Rosa*, que também pediu para não ser identificada, diz ter vindo em busca de um único sonho: "Eu quero fazer Medicina". Ela diz que sente saudades do pai e dos irmãos. "Meu pai fica muito preocupado comigo aqui". A família tem planos de se reunir em breve no Brasil.

"NÃO SOMOS VAZIOS"

Não há dados oficiais quanto ao número de haitianos em Blumenau. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMUDES) trabalha com uma estimativa aproximada de 500 haitianos no município. Choute Vinsky, que participa junto com Paul, do Movimento de Haitianos em Santa Catarina, diz ser agradecido às oportunidades que teve desde que chegou, podendo estudar e aprender o português em aulas que cursou em Blumenau. Diz também estar preocupado com atos de violência contra haitianos no País e defende que a integração cultural pode ser a saída para a quebra de preconceito e o melhor viver. Ele é responsável pelo time de futebol "Haiti Santa Catarina Futebol Clube". "Um dia queremos poder jogar no campeonato estadual", confessa, esperançoso, Choute.

"Desde o ocorrido com a morte do haitiano em Navegantes, ano passado, os haitianos que moram na casa temem participar das programações culturais na cidade pela falta de segurança

"Não chegamos aqui vazios. Não somos um povo vazio. Temos muita cultura para compartilhar", diz Paul. Ele explica que o movimento vem buscando dialogar com autoridades e governos para buscar garantias de acolhimento, vida digna e oportunidades para os haitianos que buscam o Brasil para viver. No dia 24 de maio do ano passado, foi realizada uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado para debater a questão dos imigrantes em Santa Catarina. Participaram haitianos e senegaleses que vivem aqui. Para Paul, umas das maiores conquistas da audiência foi o encaminhamento para a criação do Conselho Estadual de Apoio ao Imigrante. Em 6 de maio será organizado um Fórum Estadual de haitianos, em Florianópolis. "Queremos ter um cadastro de todos os haitianos no Estado, saber como vivem, se estão recebendo com dignidade pelos trabalhos prestados, ajudá-los na busca de emprego e educação", diz Paul.

RESPEITO E CONVIVÊNCIA

A ocupação militar no Haiti, comandada pelas tropas brasileiras do Exército, iniciou em 2004. A Minustah (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti) começou a partir de decisão da Organização das Nações Unidas. Estudos apontam que além do terremoto que atingiu o país em 2010 e deixou ainda mais precárias as condições de vida da população, a invasão militar da ONU também é fato que contribui para a saída dos haitianos do país e a vinda para o Brasil. No artigo "O Haiti é Aqui: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina", o pesquisador e doutorando em Demografia da Unicamp, Luís Felipe Aires Magalhães, busca explicar o recente fluxo migratório de haitianos no Estado de Santa Catarina. Os haitianos têm uma história que nos inspira. Em 1804, se tornou a primeira nação independente da América Latina e do Caribe. Luís Felipe aponta vários aspectos históricos que precisam ser levados em conta neste processo migratório: "Uma das consequências impostas pelo imperialismo à Revolução de Independência Negra no Haiti foi o embargo econômico e o isolamento comercial. Não devemos entender com isto que o Haiti foi excluído do sistema capitalista mundial. Pelo contrário, ele aprofundou sua vinculação a ele, de forma ainda mais subordinada", explica. E vai além: "o Haiti é historicamente objeto de presença econômica e militar estrangeira. Esta presença estrangeira já foi de natureza colonial, no século XVIII, e de natureza imperialista, durante o controle político e militar dos Estados Unidos no século XX. Atualmente, neste início de século XXI, com a presença brasileira na coordenação de forças militares de estabilização (Minustah), ela é de natureza subimperialista". É neste contexto que recebemos no Brasil estes irmãos caribenhos e latino americanos. Nosso respeito e convivência harmônica é fundamental para o intercambio destas duas culturas.

*Os nomes de Maria e Rosa são fictícios, a pedido das entrevistadas.

CICLABILIDADE: AFERIÇÃO DAS VIAS CICLÁVEIS DE BLUMENAU

Eleita pela Organização das Nações Unidas como o transporte ecologicamente mais sustentável do mundo, a bicicleta é uma alternativa não só de lazer. Segundo pesquisa realizada no Brasil pela Abraciclo sobre o uso das bibicletas, o país possui atualmente cerca de 70 milhões de bicicletas em circulação

POR MARIANA MAASS

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo da FURB

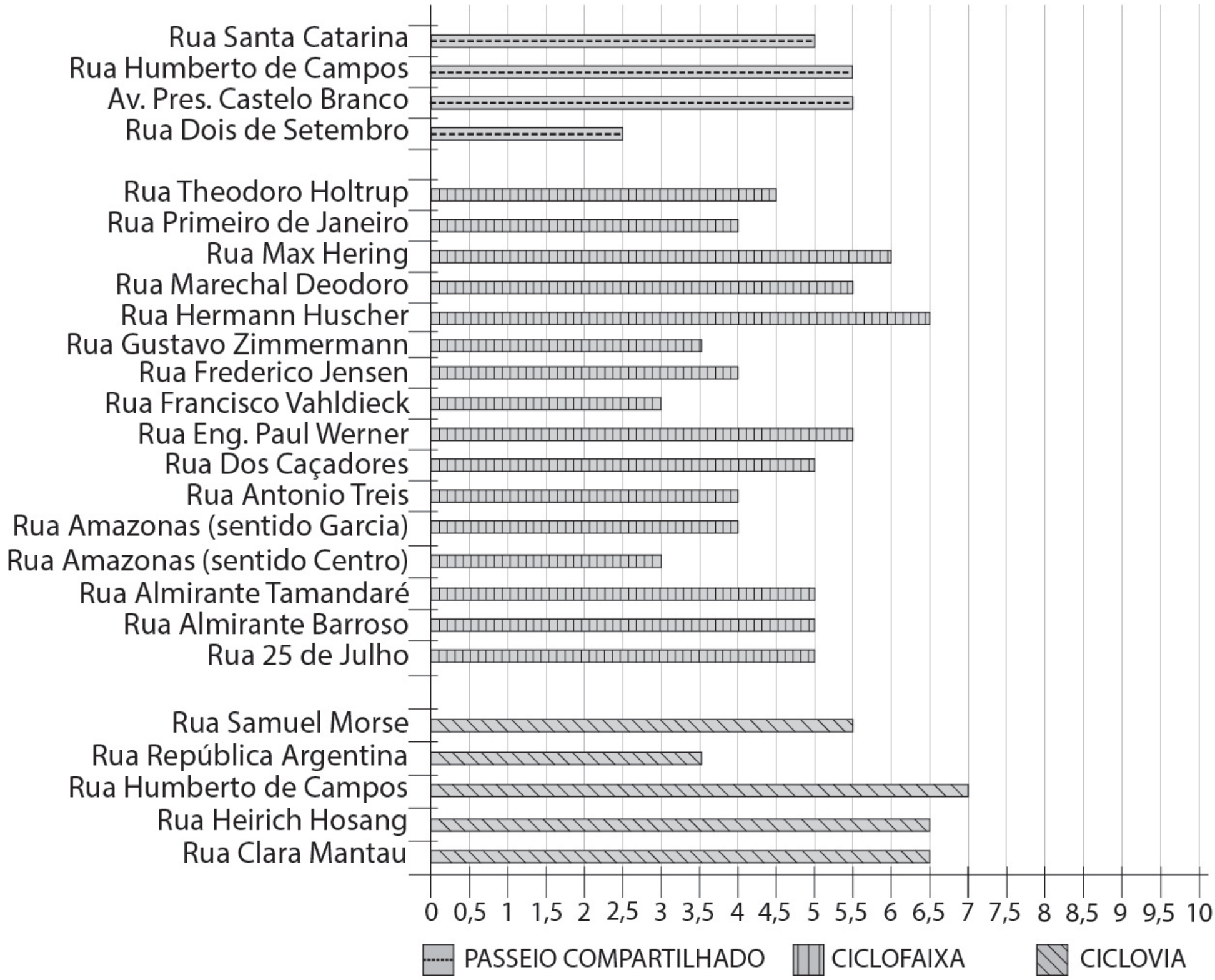
Nas últimas décadas, o aumento desenfreado do uso de carros nos centros urbanos nos leva a perceber diversos problemas que a cidade tem enfrentado. Congestionamentos e poluição são somente alguns desses problemas que acabam causando diversos impactos negativos para a população em geral. Dessa forma, cresce a necessidade de se pensar em formas alternativas de transporte, e um dos exemplos mais relevantes é a bicicleta. Andar de bicicleta está se tornando uma atividade cada vez mais comum entre a população. Eleita pela Organização das Nações Unidas como o transporte ecologicamente mais sustentável do mundo, a bicicleta é uma alternativa não só de lazer, mas utilizada também para atividades cotidianas como trabalhar e estudar. Segundo uma pesquisa realizada no Brasil pela Abraciclo sobre o uso das bibicletas, o país possui atualmente cerca de 70 milhões de bicicletas em circulação. É fato que o uso da bicicleta proporciona diversos benefícios para quem a utiliza. Uma vida mais saudável, uma forma sustentável e mais barata de se locomover, além de diminuir o congestionamento nas ruas. A diversidade dos modais é um fator muito importante para o desenvolvimento sustentável das cidades e deve ser encarada como um objetivo a alcançar.

Os problemas enfrentados pelos ciclistas são muitos. Carência na implantação, escassez de manutenção, preconceito social e de classes nutrido pela população e falta de incentivo são alguns dos principais problemas, sendo que a maioria dessas situações dependem da atuação direta dos órgãos públicos. O problema é que o incentivo ao uso das bicicletas esbarra em um problema frequente: a falta de infraestrutura. As más condições dos locais destinados ao uso dos ciclistas, ou simplesmente a não existência desses locais, torna o uso das bicicletas um grande desafio. Em Blumenau essa realidade não é diferente. O município conta atualmente com uma rede cicloviária de cerca de 54 quilômetros, dividida em ciclovias, ciclofaixas e passeios compartilhados.

> **“ O problema é que o incentivo ao uso das bicicletas esbarra em um problema frequente: a falta de infraestrutura. As más condições dos locais destinados ao uso dos ciclistas, ou simplesmente a não existência desses locais, torna o uso das bicicletas um grande desafio. Em Blumenau essa realidade não é diferente. O município conta atualmente com uma rede cicloviária de cerca de 54 quilômetros, dividida em ciclovias, ciclofaixas e passeios compartilhados.**

Para conhecer as reais condições das vias cicláveis, os principais problemas enfrentados pelos ciclistas e quais os trechos que mais necessitam de melhorias, foi desenvolvida uma pesquisa sobre a situação atual dessas vias cicláveis de Blumenau. A pesquisa foi realizada por mim, Mariana Maass, e pelo recém-formado arquiteto Guilherme A. Linhares Vendrami, sob orientação do prof. Dr. João Francisco Noll. O projeto apresenta um levantamento de dados sobre a qualidade das vias cicláveis existentes na cidade. O principal objetivo da pesquisa foi averiguar a situação dos espaços para os ciclistas, pois já era uma demanda da Associação Blumenauense Pró-Ciclovias. Nós, como acadêmicos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, nos propusemos a tentar preencher essa lacuna que a ABC estava sentindo na cidade. Para isso, foram aferidas grande parte das vias cicláveis da cidade de Blumenau – 4 ciclovias, 16 ciclofaixas e 5 passeios compartilhados -, apontando os reais problemas enfrentados pelos ciclistas ao andar de bicicleta pela cidade. Para a análise das condições do local e das vias cicláveis foram feitas saídas a campo, utilizando a bicicleta como instrumento, com o apoio de materiais de medição e registros fotográficos. Foram mensurados dez critérios: largura compatível; sinalização vertical/horizontal; segurança social; rebaixamento de guias nas travessias; travessias de ruas demarcadas; obstáculos; tipo de pavimentação e sua adequação ao conforto do ciclista; condições da pavimentação; segurança física e arborização da via.

Para a aferição, cada um dos dez critérios analizados receberam uma pontuação: Inadequado (zero), parcialmente adequado (0,5) e adequado (1,00). Se a soma dos pontos atribuídos a determinado trecho de via ciclável fosse < 5, consideramos como inadequado o uso de bicicletas neste local; se a soma dos pontos atribuídos a determinado trecho de via ciclável fosse > 5 e < 8, consideramos parcialmente adequado o uso de bicicletas neste trecho, e desta forma, há necessidade de melhorias para o melhor uso da via; e se a soma dos pontos atribuídos a determinado trecho de via ciclável fosse > 8 e = 10, consideramos o uso de bicicletas neste local adequado. Após um ano de pesquisas, o resultado das aferições das vias cicláveis não chegou nem perto do mínimo desejado, a média geral foi de 4,84 pontos. Os problemas encontrados foram além dos critérios estabeleciedos previamente. Percebemos que existe uma rede cicloviária extensa em Blumenau, porém ela está praticamente toda desconexa. Outro ponto importante a se perceber é que a região central é a melhor atendida, com ciclofaixas, ciclovias e passeios compartilhados parcialmente adequados, mas ainda com necessidade de melhorias. Já nos bairros o diagnóstico final nos mostrou que as vias cicláveis precisam de muitos reparos para que se tornem adequadas. Os principais problemas encontrados estão relacionados a sinalização ideal, obstáculos, condições de pavimentação e a falta de arborização para o conforto térmico do ciclista. Com base nos dados obtidos, verificamos que a rede de vias cicláveis de Blumenau está inadequada no que se refere aos critérios apresentados e as condições mínimas para o conforto do ciclista no meio urbano. Dessa forma, não podemos chamar o sistema cicloviário de Blumenau de fato de sistema cicloviário, pois ainda falta muito para merecer ser cha-



mado como tal. Esperamos que essa pesquisa sirva como um embasamento para o poder público, na maneira de como eles podem resolver o problema do sistema cicloviário de Blumenau.

As aferições das vias cicláveis de Blumenau, suas condições e a atual política pública com sua fraca visão sobre mobilidade urbana e seus diversos modais, encaminham para uma reflexão. O que vem antes: as ciclovias ou os ciclistas? As calçadas ou os pedestres? Devem-se ter condições adequadas nas vias cicláveis para que, ao pensar em andar de bicicleta, as pessoas encontrem motivos para usá-la. As avaliações da qualidade ciclável realizada pelo trabalho apresentam diversos motivos que as pessoas tem para não andar de bicicleta. Então concluímos que sim, um bom sistema de vias cicláveis na cidade deve surgir antes, para despertar a vontade das pessoas, e cabe ao poder público de cada cidade pensar em estratégias de planejamento para o fraco sistema existente, e dessa forma expandi-lo formando uma rede cicloviária funcional, dando assim mais um passo para se chegar a uma cidade mais saudável e viva.

FOTO.ANPR.ORG.BR

DO BRASIL PARA O MUNDO: 15 ANOS SEM MILTON SANTOS

Com o avanço das tecnologias, Milton já observou antes mesmo do processo de globalização se instalar no mundo, que iria faltar recursos básicos para as populações mais pobres

POR JONATHAN DIAS

Aluno do 5º semestre do curso de Pedagogia da FURB <jonathan_dias_@hotmail.com>

Meu primeiro contato com esse pensador foi tarde, apenas na graduação tive o privilégio de conhecer um pouco da obra e do legado que Milton Santos deixou para a humanidade, logo em uma disciplina de Geografia no curso de Pedagogia. Afinal, as contribuições de Milton vão além da Geografia, passam pelas diversas áreas do conhecimento e das disciplinas de humanidades. O primeiro contato com esse mestre já foi o bastante para entender e se apaixonar por sua obra. Não tem como não notar suas contribuições, sendo essas não só para a academia, mas toda uma luta também em prol dos direitos humanos, de um mundo mais igualitário e com uma verdadeira cidadania. Milton Almeida dos Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Bahia, no dia 3 de maio de 1926 e é considerado por muitos o maior geógrafo brasileiro de todos os tempos, dando um sentido humano a geografia. Era neto de escravos e filho de professores, foi alfabetizado em casa pelos pais, além de aprender francês e bons costumes. Formou-se bacharel em Direito em 1948, em Salvador. Mas não ficou na área de Direito por muito tempo, apaixonou-se pela Geografia, pois ministrava aulas no ensino médio e via as mudanças da população do campo para a cidade, o que lhe chamava a atenção. O interesse pela disciplina acabou o consagrando com o título de Doutor em Geografia pela Universidade de Strasburgo (França), em 1958. A partir disso, começou a ministrar aulas em diversas universidades do Brasil.

Além de sua rigorosa jornada acadêmica, Milton também tinha muita habilidade com a política, o que o levou a ocupar cargos públicos de destaque, além de produzir textos para a imprensa, colaborando com os jornais da época. Em função de suas atividades políticas junto à esquerda, Milton foi perseguido pelos órgãos de repressão da ditadura militar. Após ter cumprido meio ano de prisão domiciliar, seus aliados e importantes políticos interviram junto às autoridades militares para negociar sua saída do país. Milton achou que ficaria fora do país por seis meses, mas acabou ficando por 13 anos. Milton começa seu exílio em Toulouse, passando por Bordéus, até finalmente chegar a Paris, em 1968, onde lecionou na Sorbonne, tendo sido diretor de pesquisas de planejamento urbano no *Institut d'Étude du Développement Économique et Social* (IEDES)

Dentro da sua área de conhecimento, Milton ganhou destaque mundial ao conquistar o Prêmio *Vautrin Lud,* considerado um Nobel da Geografia, por suas contribuições. Isso mostra a trajetória que o pesquisador teve dentro da sua área de pesquisa, mas além disso, Milton era flexível o suficiente para viajar por outras áreas e contribuir com elas também. Por ter a possibilidade de estudar fora do país e trabalhar com pesquisas, Milton transformou a Geografia ao lançar uma de suas mais importantes obras chamada ''Por Uma Geografia Nova", onde ele estuda e dá a importância a matérias como a Filosofia, a Epistemologia e a História, revolucionando o pensamento geográfico da época.

A geografia na época não falava sobre a importância do território e na importância do lugar para o homem, mesmo sendo fundamental esse estudo do lugar, da paisagem e do território. Com o avanço das técnicas e das tecnologias, Milton já observou, antes mesmo do processo de globalização se instalar no mundo, que iria faltar recursos básicos para as populações mais pobres.

"O Brasil jamais teve cidadãos, nós, a classe media, não queremos direitos, nos queremos privilégios, e os pobres não tem direitos, não há, pois, cidadania neste país, nunca houve

(Milton Santos)

Todas as previsões sobre a globalização foram frutos de seus estudos com as cidades de terceiro mundo.

Ele incorporou a periferia ao mapa da Geografia, pois estudava o que ninguém mais estudava: a classe pobre do território. Acreditava que um dia a classe pobre não mais se sujeitaria às leis somente do Estado e se revoltaria. Isso ele previu antes mesmo do surgimento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), criado na década de 1980. Sobre a globalização, Milton Santos era um de seus críticos mais ferrenhos. Em uma de suas mais célebres frases, ele afirmava que "Essa globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível. Segundo, não vai durar como está porque como está é monstruosa, perversa. Não vai durar porque não tem finalidade". Ao longo de sua carreira, Milton escreveu cerca de 40 livros, mais de 300 trabalhos científicos e teve mais de 20 títulos de *Honoris causa*, sendo muito respeitado e reconhecido pelo mundo afora. Em 2016 faz 15 anos que Milton nos deixou, mas o seu legado permanece. Seu conhecimento foi disseminado entre seus alunos e sua sabedoria sobre diversos assuntos ainda permeia não só pelo campo da Geografia, mas também nas demais áreas que ele atuou.

COMIN

FELIZ DIA DOS LAKLÃNÕ/XOKLENG, DOS GUARANI, DOS KAINGANG, DOS APURINÃ, DOS.....

POR JASOM DE OLIVEIRA E JANAINA HÜBNER

Assessores de Projetos do Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN)

Tradicionalmente, no Continente Americano, comemoramos no dia 19 de abril o "Dia do Índio". No Brasil, esse é o dia quando a maioria de nossos espaços educacionais realizam atividades comemorativas com penas nas cabeças e pinturas nos rostos para valorizar o "índio". Mas afinal, o que conhecemos sobre os povos indígenas no Brasil? Quem é esse "índio"?

Segundo Censo Demográfico 2010, há 274 línguas indígenas e 305 povos indígenas presentes em nosso país. Uma grandiosa diversidade cultural-linguística entre os povos indígenas. A categoria "índio" está muito longe de contemplar a nossa rica diversidade cultural indígena, composta pelos Arara, Gavião, Laklãnõ/Xokleng, Ticuna, Yanomami, Tupinambá, Xavante, Guarani Mbyá, Guarani Kaiowá, Guarani Ñandeva, Jaminaua, Guajajara, Kuikuro, Kulina, para apenas citar alguns.

Em Santa Catarina, também segundo o Censo Demográfico de 2010, haviam mais de 18.000 indígenas presentes em nosso estado e esse número cresce a cada ano. Dessa diversidade, hoje há três etnias presentes: os povos Kaingang, Guarani e Laklãnõ/Xokleng. Mais especificamente em nossa região, há aproximadamente 90km de Blumenau, está localizada a Terra Indígena Laklaño, nas cidades de José Boiteux, Vitor Meirelles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho, onde cerca de 3.000 pessoas Laklãnõ/Xokleng residem.

A Escola Indígena de Educação Básica Vanhecú Patté, localizada na Aldeia Bugio (uma das 8 aldeias que compõem a Terra Indígena Laklãnõ), promoveu este mês evento denominado "Abril de Reflexão Laklãnõ/Xokleng", com objetivo proporcionar a vivência das práticas culturais Laklãnõ/Xokleng entre estudantes e a comunidade. Foi um mês de muitas atividades na escola, com programação repleta de ações em todos anos do ensino fundamental e médio, como as rodas de conversa com os anciãos que contaram histórias tradicionais Laklãnõ/Xokleng, pesquisas sobre culinária e arte, confecção de artesanatos e rodas de canto tradicional. É importante destacar que todas atividades foram sobre a cultura Laklaño/Xokleng, pois se fôssemos afirmar que foi sobre a cultura do "índio", poderiam ser histórias, comidas e cantos de outros 304 povos indígenas também.

As ações realizadas pela Escola Vanhecú Patté culminaram no momento festivo ocorrido entre os dias 18 e 19 de abril, na Aldeia Bugio. A programação festiva, com teatro, comida típica, cantos, roda de conversa com anciões ao redor do fogo, apresentação de trabalhos dos estudantes, entre outras atividades, contou com a participação dos próprios estudantes, da comunidade e de visitantes de outras cidades que foram aprender sobre a cultura Laklãnõ/Xokleng. A festa acontece todos os anos e é uma ótima oportunidade de conhecer este povo, que também faz parte do povo catarinense.

Outra atividade que fez parte do "Abril de Reflexão Laklãnõ/Xokleng" ocorreu no último dia 14 de abril, na Universidade Regional de Blumenau (FURB), com o evento de divulgação do "Caderno da Semana dos Povos Indígenas 2016 – Laklãnõ/Xokleng, o povo que caminha em direção ao sol". O Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), instituição indigenista da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), realizou o evento em parceria com a FURB, privilegiando a participação de representantes da comunidade da Aldeia Bugio, que elaboraram o material.

Quem organizou e promoveu todas as atividades e reflexões do dia foi a Escola Vanhecú Patté. Estiveram presentes 27 pessoas da Aldeia Bugio, entre alunos, professores, anciãos e artesãs e em torno de 300 pessoas representantes de escolas municipais e estaduais durante todo o dia. O público maior foi de crianças, que se mostraram atentas e curiosas às apresentações culturais e aos momentos de roda de conversa com professores e alunos da escola indígena. Este foi um dia agradável de convivência, conhecimento mútuo e valorização de uma das 305 culturas indígenas brasileiras.

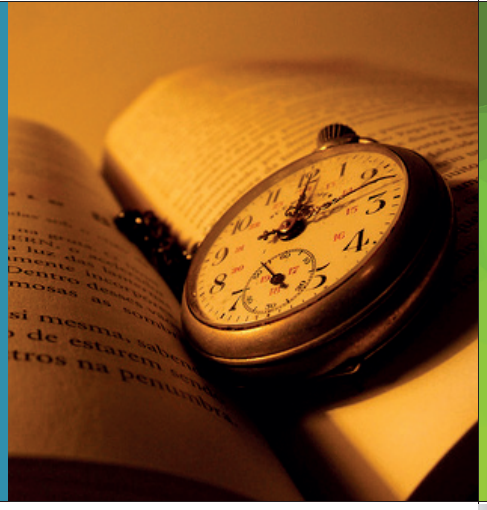
Foi possível perceber que a maioria das crianças que vivem na região do Vale do Itajaí desconhecem a presença do povo Laklãnõ/Xokleng. Através deste evento se buscou desconstruir muitos estereótipos sobre os povos indígenas no Brasil. A professora Walderes, da escola indígena, de forma alegre e descontraída, destacou na roda de conversa para o público que os povos indígenas não deixam de ser indígenas por usar ferramentas não indígenas como celular, computador, morar em casas de alvenaria. Ser indígena vai muito além disso, tem a ver com o jeito de ser e de se relacionar com o outro e com o meio, falar sua língua, preservar sua medicina, seu artesanato e demais conhecimentos tradicionais. Ela faz as crianças refletirem ao perguntar se elas, como descendentes de europeus, ainda usam vestimentas, casas e objetos exclusivos de sua cultura. As crianças concluem que não fazem isso e a professora Walderes acrescenta que nem por isso elas deixam de ser descendentes de europeus. Todas as culturas são dinâmicas, por isso se deve cuidar para preservar os conhecimentos e as especifidades que são tão valiosas.

Na programação do dia, o público pôde mergulhar na cultura Laklãnõ/Xokleng através de apresentação teatral feita pelos alunos e professores da escola indígena, roda de conversa, duas canções no idioma Laklãnõ/Xokleng, divulgação da Trilha da Sapopema, uma trilha ecológica e cultural mantida pelos jovens da Aldeia Bugio (Página no Facebook – Trilha da Sapopema), exposição fotográfica das Aldeias Bugio e Plipatól e venda de artesanato. Ao final do evento cada escola representada recebeu o Caderno da Semana dos Povos indígenas 2016, entre outros materiais, para dar continuidade ao estudo da cultura e história Laklãnõ/Xokleng nas escolas.

O COMIN agradece à FURB, em especial aos apoiadores do evento: Centro de Ciências Humanas e da Comunicação - CCHC | Núcleo de Estudos Indígenas - NEI | Curso de Ciências da Religião | Grupo de Pesquisa Ethos, Alteridade e Desenvolvimento – GPEAD e também às escolas da rede pública municipal e estadual, bem como privadas, que enviaram professores representantes e alunos.

Também queremos registrar um agradecimento especial à E.I.E.B. Vanhecú Patté, que topou o desafio de preparar a programação e desenvolvê-la de forma tão comprometida e reflexiva. Certamente mais um passo foi dado na promoção do respeito e da valorização da cultura Laklãnõ/Xokleng no Vale do Itajaí. Muitas pessoas da Terra Indígena Laklãnõ postaram em seus perfis do Facebook: "Não sou índio, sou Laklãnõ/Xokleng, não falo em índio, falo a língua Laklãnõ", demonstrando que somente a palavra "índio" não as representa e que a diversidade cultural indígena vai infinitamente além do estereotipado "índio" genérico. Da mesma forma, se toda a diversidade cultural-linguística dos povos alemães, italianos, poloneses, húngaros, chilenos, argentinos, espanhóis, estadunidenses, canadenses, entre tantos outros, fosse suprimida na categoria "branca", toda a riqueza cultural seria ignorada, sendo que nosso mundo é tão rico culturalmente.

Portanto, se vamos comemorar um dia em homenagem aos povos indígenas no Brasil, que seja: Feliz dia dos Laklãnõ/Xokleng, Feliz dia dos Kaingang, Feliz dia dos Guarani, Feliz dia dos Arara, Feliz dia dos Krenak, Feliz dia dos Pataxó, Feliz dia, feliz dia!



CURTAS

ATIVIDADE MARCA DIA DA LUTA ANTIMANICOMIAL EM BLUMENAU

No dia 17 de maio, das 13h às 19h, acontece o evento referente ao Dia da Luta Antimanicomial, no Jardim e Salão Centenário do Teatro Carlos Gomes. Realizado pela Associação de Familiares, Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau (Enloucrescer), a atração contará com música, artesanato, dança e intervenções artísticas. É uma proposta de experiência realizada fora dos muros, promovendo a vida além do cuidado técnico e mobilizando a melhoria da qualidade de vida singular e coletiva.

CONFIRMADO FESTIVAL VARILUX DE CINEMA FRANCÊS EM BLUMENAU

Está confirmada a realização do Festival Varilux de Cinema Francês 2016, de 09 a 22 de junho em Blumenau. Mais uma vez, o festival será uma vitrine excepcional do melhor da produção cinematográfica francesa recente. Assim, na programação já confirmada, estão os longas "Chocolat" de Roschdy Zem; "Les inocentes" de Anne Fontaine; "Marguerite" de Xavier Giannoli; " Lolo" de Julie Delpy, "La belle saison" de Catherine Corsini; "Em mai fais ce qu'il te plalt" de Christian Carion, " Mon roi", de Maiwenn, "Comme um avion" de Bruno Podalydes, " Floride" de Philippe Le Guay, etc. A programação de abertura será dia 9 de junho às 19 horas no Arcoplex Park Europeu no Shopping Park Europeu.

OBRA POÉTICA SERÁ LANÇADA NA FURB

Em 13 de maio acontece o lançamento da obra poética "Reflexões", de Ayrton Bento Mafra. Será no Salão Angelim, na Biblioteca Universitária, campus 1, às 20h. O autor nascido na cidade de Ilhota (SC) em junho de 1942 trabalhou no Banco do Brasil, onde se aposentou em 1991. Com licenciatura em História Natural pela FURB, Ayrton foi professor de Biologia e Botânica no Colégio Pedro II e Geologia do Brasil na universidade. Desde jovem escreve poesias e tem seus poemas publicados no livro "Poesia, lucidez ou fantasia". Colaborou com o jornal "Abrindo Caminhos", da AABB de Blumenau. Em 2010 editou seu primeiro livro de poesias: "Amor em evidência". Seus escritos em geral são sonetos ou poemas de 12 sílabas que obedecem à métrica e rima, ou livres. Abordam temas variados como o amor, família, questões sociais, a natureza e sua preservação. Além de enfocar culturas variadas e pessoas de destaque, seus poemas nos levam a questionamentos e reflexões. O livro é distribuído gratuitamente ao público interessado na obra. O evento é aberto à comunidade. Entrada franca. Para mais informações: Divisão de Cultura FURB Campus I - Sala L-107 (47) 3321.0937 / 3321.0399 cultura@furb.br | facebook.com/CulturaFURB

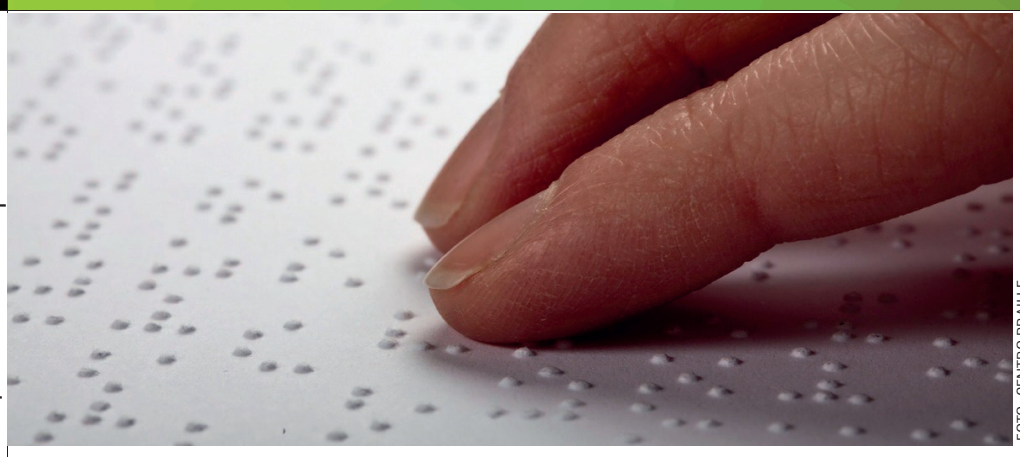


FOTO: CENTRO BRAILLE

OBRA REÚNE TEXTOS DO CONCURSO DEDOS QUE LEEM

A Fundação Cultural de Blumenau foi sede de uma atividade especial alusiva ao Dia Nacional do Braille em 8 de abril. O evento, com programação elaborada pela Sociedade Cultural Amigos do Centro Braille de Blumenau (ACBB), será no Auditório Carlos Jardim, na FCBlu e contará com apresentações como o musical dos Amigos da Canção, a história do braille com a pedagoga Luana Tillmann e o lançamento do livro de poemas e crônicas Dedos que Leem. A entrada é gratuita. Editado em braille e tinta, a obra é fruto do Edital Concurso Dedos que Leem, onde foram selecionadas crônicas e poesias de autores cegos ou de baixa visão de Santa Catarina, de outros estados e do Distrito Federal. O livro será publicado pela Editora Cultura em Movimento.

COLMEIA TERÁ NOVA REUNIÃO EM MAIO

Em 10 de maio, às 19h30, será a próxima reunião por grupo de trabalho do COLMEIA (Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas), no Teatro Carlos Gomes. O evento, que acontece em 24 e 25 de setembro, já está na corrida para a organização e os interessados em serem integrantes do COLMEIA devem fazer adesão ao coletivo pelo grupo no Facebook. As inscrições para as atrações serão feitas a partir de junho.

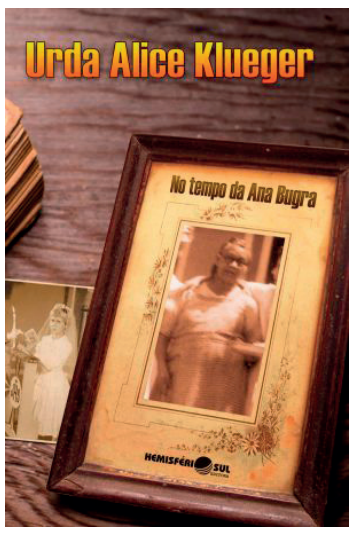
Em 2015, a atração contou com mais de 500 artistas, artivistas e gestores culturais em sua construção e organização. O resultado foi cerca de 12 mil pessoas prestigiando o evento nos dois dias. O COLMEIA é uma parceria entre o Coletivo e o Teatro Carlos Gomes e ocorre desde 2012, é um evento anual, gratuito e aberto para a toda a comunidade.

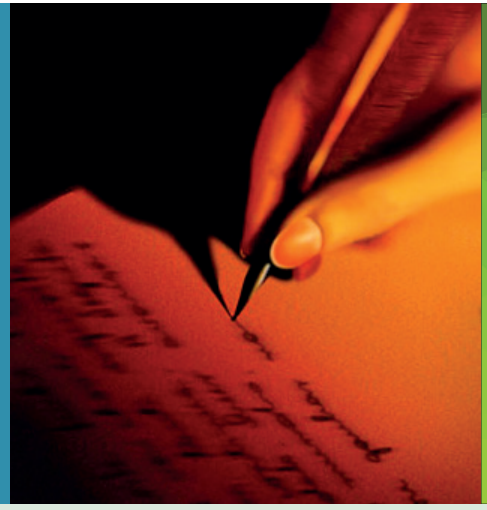
SANTA CATARINA DE LUTO POR SALIM MIGUEL

O escritor Salim Miguel faleceu aos 92 anos na noite de sexta-feira, 22 de abril, em Brasília, onde estava internado em UTI desde o dia 7, para tratar uma broncopneumonia. Nos últimos dez dias, estava em coma, contrariando um de seus desejos: que não estivesse inconsciente até chegar a hora de sua morte. Estava com a saúde debilitada há anos e em 2012 já havia chegado a ficar em coma após uma queda em casa, mas se recuperou. O corpo do artista deve ser cremado em Brasília e depois as cinzas trazidas a Florianópolis para as homenagens póstumas. Nascido em Kfarssouron, no Líbano, Salim Miguel chegou com três anos de idade ao Rio de Janeiro, cidade onde morou com a família durante um ano. Mas o destino estava (sem trocadilho) escrito: após morar em São Pedro de Alcântara e Antônio Carlos, em Santa Catarina, sua família fixou residência em Biguaçu, onde se estabeleceu com um pequeno comércio. O escritor foi entrevistado pelo portal Sarau Literário, da Biblioteca da FURB, em 2008.

URDA ALICE KLUEGER LANÇA NOVA OBRA

Em 5 de maio será o lançamento da nova obra de Urda Alice Klueger, o livro "No Tempo da Ana Bugra". Acontece na livraria Blulivro, no Shopping Center Park Europeu, das 18h às 21h30. Trata-se do 24o livro da escritora, que traz memória narrativa, tempo, espaço e emoção. São memórias da infância da autora, com foco no fim da década de 1950 e início da década de 1960, período anterior à ida para a escola, quando o mundo ainda era lido por outros meios que não o dos livros. Nesta época a autora vivia na praia de Camboriú (tempo em que ainda não era município) e também consta a sua volta a Blumenau, precisamente, para entrar na escola. A escritora blumenauense é licenciada, bacharel e especialista em História pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). É doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Entre suas obras possui romances, crônicas, relatos de viagens e literatura infanto-juvenil, dos quais se destacam: "Verde Vale" (1979), "No Tempo das Tangerinas" (1983), "Cruzeiros do Sul" (1992), "No Tempo da Bolacha Maria" (2002) e "Sambaqui" (2008). É militante de movimentos sociais, pesquisadora da arqueologia do litoral de Santa Catarina, dentre outras, além de produzir textos para a imprensa de três continentes (América, Europa e África) a cada semana. Urda pertence a Academia Catarinense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, entre outros. O livro, produzido pela editora Hemisfério Sul, possui 71 páginas e será vendido por R$20,00.





INSPIRAÇÃO

PETIANO TECELÃO

Grupo Pet-Saúde da FURB
João Gurgel - coordenador

Tecer a rede e que seja UNIDA
Por diversos conhecimentos
Do serviço e da academia
Do popular a sabedoria

Fazendo da incerteza seu caminho
Petianos em ação!
Enfrentando desafios
Tecendo a emoção

No congresso científico
Estranheza e aflição
Vimos uma rede que persiste
Aflorar em turbilhão

Na aldeia com os índios
Estranha história recontada
Imprimindo nos sentidos
A verdade revelada

Com parteiras aprendemos a tecer
Esperança na adversidade
São "causos" colorindo e adoçando
A amarga realidade

Fé na vida e no Divino
A natureza dialogada
Transpassada pela injustiça
De uma sociedade alienada

No centro do Brasil
A pluralidade concretizada
Pra quem vem do extremo Sul
Sobá, pacú e onça pintada

Somos todos petianos
Temos sede de aprender
Da universidade os fundamentos
Da vida em movimento o saber

Pesquisar é nosso ofício
A Ciência ferramenta
Conhecimento que se tece
E da extensão se alimenta

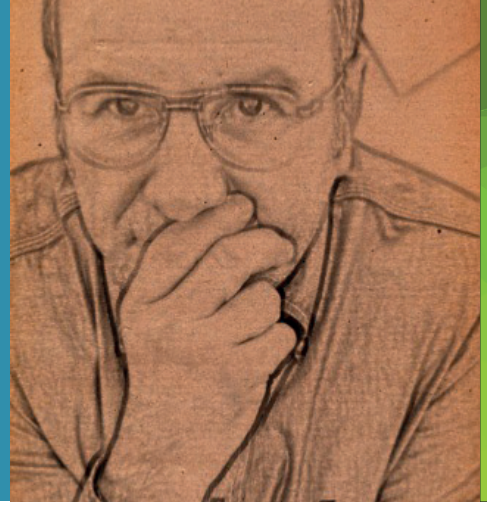
O momento é tenebroso
Intolerância e pobreza
Dois Brasis sem agenda
Partidos por rancor e incerteza

Petianos estudantes
Muitos sonhos espalharemos
Com os "miltons" do Nascimento
Da vida, do mundo e da amizade cuidaremos

Amazônia floresta imensa
Curupira, Saci onça parda!
Destemidos teceremos
Manaus 2018 nos aguarda!

A REDE UNIDA é uma associação que reúne, desde 1985, docentes, profissionais da saúde, pesquisadores, comunidade e movimentos sociais em torno do ideal de desenvolver a educação dos profissionais de saúde de forma integrada e comprometida com os princípios da reforma sanitária brasileira e do SUS.
A REDE UNIDA teve papel histórico e relevante na discussão e proposição das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos da saúde e nas Conferências Nacionais de Saúde. Há décadas seus congressos, de âmbito internacional, são o espaço mais democrático e inclusivo para a interlocução entre os saberes científicos e populares no contexto da saúde no Brasil.
No mês de março passado, entre os dias 21 e 25, um grupo de 28 estudantes de graduação da saúde, Mestrado em Saúde Coletiva – PPGSC e docentes da FURB, juntamente com servidores da Secretaria Municipal de Saúde de Blumenau, integrantes do projeto Propet-Saúde participaram, em Campo Grande-MS, do 12º Congresso Internacional da REDE UNIDA, com apresentação de trabalhos.
A experiência de estar em contato direto com os autores das referências mais citadas nas áreas de ensino e da saúde coletiva no Brasil e simultaneamente poder participar da manifestação mais autêntica dos movimentos populares revelou, no grupo, o verdadeiro sentido da expressão "conhecimento significativo".
Como produto dessa experiência foi produzido o relato ao lado. Será em Manaus o 13º Congresso Internacional da REDE UNIDA.

Marcos Antônio Mattedi
Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP)
Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional



LADO B

AS BOLHAS

As manifestações de março de 2016 chamaram atenção para o fenômeno das Bolhas de Filtragem. Bolhas de Filtragem constitui uma expressão criada por Eli Pariser para designar o processo no qual o internauta acaba preso na aplicação de algoritmos pelos motores de busca, utilizados para otimizar processo de seleção da informação na internet. Estes mecanismos personificam as informações por meio da seleção das paginas que serão visíveis pelo usuário. O processo de personificação da informação produz um viés de confirmação: acessamos preferencialmente informações que reforçam nossas crenças.

A questão das Bolhas de Filtragem é particularmente importante para as universidades e, portanto, também para FURB. É que o uso de motores de busca e redes sociais fazem parte da rotina acadêmica. Duas dimensões se destacam: a) Cognitiva: as atividades acadêmicas são cada vez mais dependentes dos mecanismos eletrônicos de busca; b) Política: a transitividade acadêmica se reduz a medida que as pessoas possuem o mesmo ponto de vista. O efeito combinado deste processo constitui, por um lado, a perda de diversidade, mas também, por outro, e diminuição da pluralidade.

Esta caixa preta poder ser ilustrada através do Google e do Facebook. O Google seleciona as informações de acordo com 57 critérios entre os quais a promoção paga, que calcula e direcionam a pesquisa para certas páginas. O mesmo ocorre com as news feed do Facebook, pois o usuário acessa somente as mensagens filtradas pelo dispositivo. Estes dispositivos de filtrageme negócios tem sido adotados também pelo Twitter, Netflix, UOL, jornais, etc. Assim, por exemplo, enquanto um usuário ao clicar Blumenau recebe páginas sobre festas, outro recebe informações sobre enchentes, porém ninguém sabe muito bem como.

“A combinação do Erudito de Google com o Militante de Facebook produz uma Bolha Ideológica. Isto significa que a internet se converte numa caixa de ressonância de nossas próprias crenças, produzindo uma democracia da crença. E indica que precisamos urgentemente estourar as Bolhas Ideológicas.

Os algoritmos de busca veem progressivamente substituindo o papel ocupado pelo editor de conteúdo dos meios de comunicação tradicionais. Neste sentido, o fechamento dos usuários dentro de seus hábitos na rede limita o acesso a informação sobre seus interesses e suas opiniões. Para entender melhor a questão das Bolhas de Filtragem, e seus efeitos na universidade é preciso considerar dois fatores que se encontram interligados: a) Mercado Cognitivo: a quebra do monopólio da produção de informações; b) Preguiça Intelectual: a predisposição a buscar informações que reforçam nossas crenças.

As Bolhas de Filtragem constituem o efeito inesperado das transformações do Mercado Cognitivo. Por muito tempo a produção e difusão de informação permaneceram centralizadas por cientistas, intelectuais e jornalistas. Com o surgimento da internet e das redes sociais verifica-se uma quebra deste monopólio. Neste sentido, a acessibilidade e a pluralidade provocam uma sobrecarga de disponibilidade informações. O efeito combinado deste fenômeno foi o aumento massivo do volume de dados, mas também a necessidade de selecionar esta informação. Portanto, as Bolhas de Filtragem otimizam o acesso.

Ao mesmo tempo, as Bolhas de Filtragem são reforçadas por uma disposição psicossocial de Preguiça Intelectual. Existe uma predisposição em buscar somente informações que confirmam nossas crenças. Numerosos estudos reforçam esta hipótese que as pessoas tendem a consultar mais informações com as quais estão de acordo. Isto indica que a probabilidade de clicar uma informação favorável a suas próprias ideias é esmagadoramente superior a uma desfavorável. O produto desta predisposição psicológica constitui uma seletividade de informação que reforça a validade de nossas próprias convicções.

Dito de outra forma, quem escolhe a informação que precisa não é o usuário. Neste sentido, a comunicação horizontal, interativa, abrangente, inclusiva e participativa que caracterizou o início da internet vai progressivamente dando lugar a customização por interesses. Por isto conceitos como, por exemplo, wiki, Creative Commons acabam difundindo uma falsa imagem de democratização de informação. É que apesar de nossa comunicação não ser mais mediada apenas por grupos editoriais por trás dos jornais e de programas de TV, ela acaba sendo condicionada por motores de busca e pela dinâmica da internet.

Afinal, a medida que as Bolhas de Filtragem adaptam o conteúdo para os nossos gostos pessoais, a internet acaba reforçando nossas certezas. Isto significa que ao ocultar certos conteúdos os motores de busca viciam nossa percepção dos fenômenos. Em outras palavras, se o usuário é conservador somente acessa a conteúdos conservadores e acaba estranhando a agenda progressista; por outro lado, se o usuário é progressista somente acessa conteúdos progressistas estranhando a agenda conservadora. Isto explica porque apesar o aumento da escolarização e da informação verifica-se um crescimento da intolerância.

Do ponto de vista cognitivo as Bolhas de Filtragem criam a Falsa Consciência Esclarecida. A internet tornou-se muito fácil estabelecer opiniões fortes sobre todos os assuntos. Neste sentido, rapidamente os internautas se tornam especialistas em epidemiologia e opinam sobre o vírus Zika, ou contabilidade pública e a legalidade jurídica do impeachment. A consequência prática deste processo é que acabam monopolizando a timeline tanto pelo compartilhamento de informações, quanto pela emissão de seus próprios pontos de vista. Mais precisamente, transforma-se em Erudito de Google.

Já do ponto de vista político das Bolhas de Filtragem produzem o Ativismo Histriônico. Neste sentido, o Ativismo Histriônico é reforçado por duas características principais. Por um lado, verifica-se a tendência a potencializar a visibilidade em função do padrão de acesso a informação; por outro lado, o usuário permanece protegido na segurança de interações que reforçam seus próprios preconceitos. Assim, a medida que bloqueia opiniões divergentes o motor de busca “aprende” o que internauta dislikes e esconde este tipo de informação ou de pessoa. O resultado final constitui o Militante de Facebook.

Neste sentido, a combinação do Erudito de Google com o Militante de Facebook produz uma Bolha Ideológica. Isto significa que a internet se converte numa caixa de ressonância de nossas próprias crenças, produzindo uma democracia da crença. E indica que precisamos urgentemente estourar as Bolhas Ideológicas. Porém, as Bolhas Ideológicas somente serão estouradas quando conseguirmos por em contato pessoas que possuem pontos de vista diferentes. Nesse sentido, as universidades desempenham um papel decisivo na medida em que reúnem pessoas que possuem fortes diferenças de opinião.

A conversão das Bolhas de Filtragem em Bolhas Ideológicas mostra que não somos tão livres como imaginamos. O processo de personificação dos conteúdos impede o usuário de acessar espontaneamente informações classificadas como menos relevantes pelos algoritmos. A Bolha Ideológica acaba nos aprisionando a dados que conhecemos, compartilhamos e nos relacionamos. Mostra ainda que a nosso conhecimento e a nossa liberdade depende muito do que clicamos. Afinal, a transformação de informação em conhecimento e do conhecimento em ação pressupõe um trabalho de reflexão que qualifica os dados.